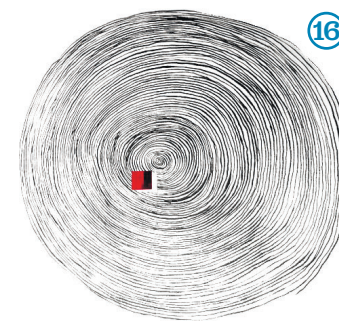


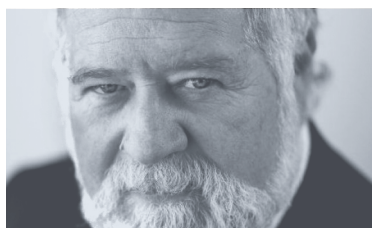
# CÍRCULO DE ESTUDOS DO CENTRALISMO

INTERIOR



## AS OPINIÕES NÃO VINCULAM O CÍRCULO

### ASSOCIADO CONVIDADO



POR

**Daniel Bessa**

Economista.

Professor universitário aposentado

## As capitais de distrito do Interior

Estávamos em fevereiro de 2003. O governo Durão Barroso resolveu lançar o PRASD – Programa de Recuperação de Áreas e Setores Deprimidos. Fui gentilmente convidado para ser o Encarregado de Missão. Com a ajuda de quem pude contratar, houve que estudar.

Quando se estuda aprende-se sempre alguma coisa. Para mim, que entrei na Missão formatado por uma das minhas obras de referência (“Portugal, Sociedade Dualista em Evolução”, de Adérito Sedas Nunes, 1964), havia o Litoral e o Interior, conceitos que, mais do que geográficos, diziam respeito a um dualismo socioeconómico com tendência a agravar-se.

A surpresa veio do Índice de Poder de Compra per capita concelhio, um indicador publicado pelo INE desde 1995, estando então disponível a edição relativa a 2002.

Encontrei 60 concelhos abaixo de 50% da média nacional, num total de 701 695 pessoas, todos no Interior. O valor mais baixo (36,18) observava-se em Celorico de Basto. Tudo em linha com o que poderia esperar.

A surpresa veio das capitais de distrito do Interior: Bragança, Vila Real, Viseu, Guarda, Castelo Branco, Portalegre, Évora e Beja, todas com poder de compra per capita muito próximo da média nacional – e, já agora, todas acima de Viana do Castelo, a capital de

distrito com mais baixo poder de compra. Todas acima de concelhos que poderíamos considerar ícones de um Portugal litoral, industrial e exportador como, por exemplo, Guimarães ou Vila Nova de Famalicão.

Sei que tudo isto tem a ver com Estado, com investimento público e com emprego público. Todas as capitais de distrito do Interior oferecem ensino superior, universitário ou politécnico. Atividades como administração pública, ensino e saúde representavam, em todos estes concelhos, percentagens da população ativa acima dos 25%, chegando aos 30% na Guarda, aos 33% em Vila Real e em Évora, aos 35% em Portalegre e em Beja, aos 38% em Bragança. O Estado tem de servir para alguma coisa e ainda bem que serve para isto.

Os dados para o Índice de Poder de Compra per capita concelhio em 2022 permitem atualizar esta informação. Comparando com 2002, todas as capitais de distrito do Interior continuam muito próximas da média nacional. Bragança e Castelo Branco desceram ligeiramente, estando agora nos 96%. Todas as outras subiram: Vila Real e Viseu (de 92 para 97), Portalegre (de 96 para 99). Beja (com 102) e Évora (com 112) estão acima da média nacional. Todas continuam acima de Viana do Castelo, de Guimarães ou de Vila Nova de Famalicão. Felizmente, a nível mais global, as assimetrias reduziram-se: se havia, em 2002, 60 municípios abaixo dos 50% da média nacional, os valores mais baixos encontram-se agora em Ponta do Sol (60,72), Porto Moniz (61,04), seguindo-se, já no Continente, Penamacor, com 61,24, e Vinhais, com 61,86. No extremo oposto, Lisboa continua com o valor mais elevado (186, abaixo dos 220 observados em 2002).

Tenho a obrigação de saber que o poder de compra per capita não é tudo. É preciso gente, sobretudo gente jovem, e vida. Infelizmente, entre 2011 e 2021, o país perdeu 2% da sua população. Bragança não perdeu muito mais (-2,2%) mas as perdas aumentam em Vila Real (-4,3%), Évora (-5,4%), Guarda (-5,6%), Beja e Castelo Branco (-6,8%), Portalegre (-10,3%). Noutros concelhos do Interior houve perdas mais elevadas.

Se esta “história” tem uma “moral”, remete-nos para o Poder Central, que não pode abrandar em matéria de investimento no Interior. Remete-nos também para os municípios do Interior, sobretudo os maiores, que não podem abrandar, pelo contrário, em matérias como atração de jovens e de imigrantes, oferta das melhores condições de habitação e de telecomunicações, melhoria do espaço público e das condições de vida em geral.



Todas as capitais de distrito do Interior oferecem ensino superior, universitário ou politécnico. Aqui, o Politécnico de Bragança.

RUI OLIVEIRA